

DISCURSO RELIGIOSO E AFRONTAMENTO DA DIGNIDADE HUMANA

Jose Geraldo da Rocha (UNIGRANRIO)
rochageraldo@hotmail.com

1. Introdução

A palavra não foi feita para ser utilizada no processo de geração de divisões entre os seres humanos. A invenção da palavra está diretamente associada ao anseio de entendimento entre as pessoas. Assim sendo, o objetivo da mesma é dialogar. No universo religioso o discurso, resultado da articulação de palavras, imbuído de interesses ideológicos tem se convertido em instrumento que gera, legítima e fundamenta a violência entre as diferentes religiões e conseqüentemente a dominação cultural e religiosa que marginaliza e exclui indivíduos e comunidades das esferas da convivência humana.

O presente artigo nasce da pesquisa sobre intolerância religiosa em relação aos praticantes das religiões de terreiros na Baixada Fluminense, estado do Rio de Janeiro. A investigação foi realizada nos anos de 2010 e 2011 e está relacionada às discussões que perpassam a linha de pesquisa Identidade, Gênero e Etnia do Programa de Pós Graduação em Letras e Ciências Humanas da Unigranrio. Dentre as descobertas feitas no processo investigativo está a demonstração da perversidade do discurso religioso forjado no campo das relações humanas. Este além de fundamentar a violência, a discriminação e exclusão, constitui-se em verdadeira afronta à dignidade humana.

2. A baixada fluminense

O campo onde nossa pesquisa se desenvolveu foi a Baixada Fluminense⁹⁵, uma região composta por vários municípios que formam a Região Metropolitana do Rio de Janeiro.

⁹⁵ Baixada Fluminense, termo polissêmico que possui múltiplas definições. Seu recorte altera-se a partir do interesse dos pesquisadores, da escala de observação, da atuação das instituições de pesquisa ou dos objetivos dos órgãos públicos. A expressão pode assumir configurações geográficas, econômicas, políticas e culturais diferenciadas... atualmente, a denominação designa uma série de municípios, mais próximos ao entorno da Bahia da Guanabara. (Cf. BRAZ & ALMEIDA, 2010, p.19).

Estima-se que exista na Baixada Fluminense em torno de cinco mil casas de cultos afros brasileiros, entendidas aqui como casas de candomblé e umbanda, ainda que tais dados não sejam possíveis a sua comprovação em virtude da não existência de pesquisas com tal recorte. Os dados sobre as religiões de matrizes africanas até então levantados pelo Censo do IBGE (2000) davam conta da existência no Brasil de apenas 0,3% da população como pertencente a esse segmento. Não se pode esquecer que tais cifras estão em um contexto onde os vínculos com tais práticas religiosas passam por um sistema de negação. Afirmar a pertença religiosa de matriz africana é colocar-se numa esfera de não reconhecimento e aceitabilidade social. Os indivíduos não querem ser estigmatizados na hora de responder ao censo. Em contraposição a isso, é perceptível nas vivências cotidianas na região da Baixada Fluminense, em espaços de discussões relacionadas às culturas locais, a grande presença das expressões religiosas de tal natureza. Nesse sentido, é valioso o depoimento de um pesquisador na região:

Sai com um endereço de um terreiro para entrevistar uma Yalorixá. Como sempre, os terreiros estão situados nas periferias das periferias. Tomei dois ônibus para conseguir chegar no referido bairro. Ruas de terra, casas simples, não acabadas, muita gente pelas ruas, animais. Fui perguntando para as pessoas onde existia um terreiro de candomblé. Elas iam me indicando. Chegava ao terreiro e perguntava pela Yalorixá, respondiam não é aqui. E assim aconteceram vários terreiros. Quando cheguei ao terreiro que tinha me proposto visitar, havia passado por seis outros terreiros. Isso em um espaço pequeno do ponto de vista geográfico. E não foi apenas em um bairro que algo semelhante aconteceu. (Antonio).

A população da região é marcadamente de afro descendentes. Do ponto de vista da religiosidade de matriz africana, a região ostenta ser o local para onde veio o Candomblé da Bahia. Assim sendo, a história da expansão do Candomblé no Rio de Janeiro estaria associada à migração dos terreiros para a Baixada Fluminense. As casas e as personalidades mais famosas do universo religiosos da matriz africana no Rio de Janeiro estão sediadas na região da Baixada Fluminense. O Ilê Axé Opó Afonjá, com raiz em Salvador desde 1910, se estabeleceu no bairro de Coelho da Rocha em São João de Meriti nos finais dos anos trinta, sob a coordenação Mãe Agripina, filha de Mãe Aninha (Eugênia Ana dos Santos) da matriz em Salvador. Outra casa de grande destaque na Baixada é o terreiro de Joãozinho da Gomeia. Também originário de Salvador, chegou à região e se instalou no bairro de Copacabana – Duque de Caxias no final da década de quarenta.

Em Duque de Caxias encontram-se ainda outras duas casas renomadas. O terreiro de Pai Valdemiro "Baiano" de Xangô - o Ilê Asé Baru Lepé, datado dos anos 40, e considerado um dos mais importantes do Estado do Rio de Janeiro. Atualmente o local está em processo de tombamento a pedido do Ministro da Cultura Gilberto Gil. Valdemiro foi guru de políticos e artistas famosos no país.

A outra casa a que se refere, é o terreiro de Giselle Cossard Binon mais conhecida como Ominarewa. Sua casa, o Ilê Axé Atara Magba está localizada no bairro de Santa Cruz e conta com mais de 400 filhos de Santo. Ominarewa, atualmente com mais de 80 anos de idade, continua à frente do seu terreiro, zelando pelos Orixás e pelas tradições Africanas no Brasil.

Também os terreiros de Umbanda vão encontrar na Baixada fluminense um espaço de expansão a partir do seu surgimento no Rio de Janeiro por volta do ano 2009.⁹⁶

A região é também caracterizada pelo baixo poder aquisitivo da maioria da população. As condições socioeconômicas da população acabaram contribuindo para as pessoas buscarem na esfera da religião as soluções para os seus problemas. Talvez esteja aqui uma das explicações para a instalação e crescimento de inúmeras igrejas de denominações cristãs. Com promessas de curas para todos os males inclusive a prosperidade financeira, desencadeou-se nessa região uma avalanche religiosa. Em contrapartida, o aumento dos conflitos com os praticantes das religiões de matrizes africanas foram ficando cada vez mais evidenciados. Dentre tantos os "males" a ser combatidos pelo neopentecostalismo, es-

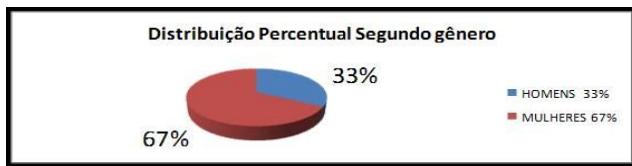
⁹⁶ Segundo Reginaldo Prandi, em seu artigo "Linhagem e legitimidade no candomblé paulista", a umbanda, nascida no Rio de Janeiro do contato do candomblé com o karedicismo, profundamente influenciada pela moralidade cristã já incorporada pelos espíritas, veio, em oposição ao candomblé como religião de populações negras, a se firmar como religião para todos, sem limites de raça, cor, geografia, origem social. Enquanto o candomblé continuava como expressão de uma sociedade de molde estamental, escravocrata na origem, a umbanda espalhou-se como a religião brasileira para a sociedade de classes, industrializada, urbanizada, de intensa mobilidade geográfica e social. A umbanda, ao se fazer como religião independente, adotou o uso da língua portuguesa, abandonou o sacrifício ritual de sangue e a iniciação sacerdotal com reclusão e mortificação, deixou de lado o oráculo do candomblé (especialmente o jogo de búzios) que dá ao chefe do grupo de culto a prerrogativa de decifração do destino e dos males e oportunidades da pessoa; incorporou do karedicismo a noção básica da caridade, que deslocou o eixo do culto para a prática da cura através da intervenção dos espíritos desencarnados ou encantados, no rito do transe, reduzindo a importância dos orixás e minando a estrutura rígida da autoridade centrada na mãe ou pai-de-santo que caracteriza o candomblé. (Disponível em: <<http://www.anpocs.org.br>>).

tava a expulsão do “demônio” presente nas praticas dos terreiros. Inicialmente tratava-se apenas de um “exercício de conversão” pela via da pregação e do convencimento. Com o passar do tempo, a pregação passou a ser um ato de desmoralização dos praticantes das religiões de terreiros até chegar a agressões verbais e físicas, além dos ataques e depreciações aos espaços de cultos denominados terreiros.

3. *Publico entrevistado*

Ao longo do trabalho de coleta de dados, foram entrevistadas 42 pessoas praticantes das religiões de matrizes africanas. Quando observados pela ótica das relações de gênero, constata-se que 33% dos entrevistados são do gênero masculino e 67% feminino. Nesse caso mais uma vez se comprova o quanto as mulheres são maioria no zelo pelas realidades religiosas

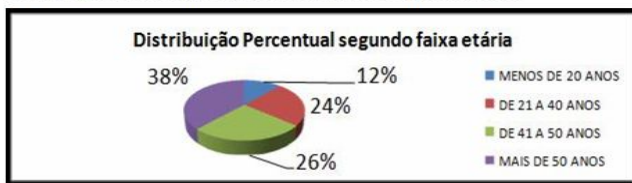
Gráfico 1: Distribuição dos entrevistados segundo sexo



Dentre nossos entrevistados, verificou-se que 38% se encontram na faixa etária superior a 50 anos. 26% entre 41 e 50 anos; 24% na faixa de 21 a 40 e 12 % com idade inferior a 20 anos. Esses dados revelaram-se importantes na medida em que é possível verificar que a intolerância religiosa caracteriza-se como uma violência que vitima todas as faixas etárias indistintamente.

O gráfico a seguir nos propicia visualizar com maior ênfase o que acabamos de afirmar.

Gráfico 2: Distribuição dos entrevistados segundo idade



Do ponto de vista da localização geográfica, nossa pesquisa levou em consideração a divisão administrativa do município de Duque de Caxias. O objetivo era colhermos informações nos diferentes locais do município. Este se divide em quatro distritos que por sua vez se dividem em bairros, a saber:

1º Duque de Caxias – primeiro distrito: Centro, Jardim 25 de Agosto, Parque Duque, Periquitos, Vila São Luiz, Gramacho, Sarapuí, Centenário, Doutor Laureano, Olavo Bilac, Bar dos Cavaleiros, Jardim Gramacho, Parque Centenário, Mangueirinha de Caxias e Corte Oito.

2º Campos Elíseos – segundo distrito: Jardim Primavera, Sara-curuna, Vila São José, Parque Fluminense, Campos Elíseos, Pilar, Canguçu, Cidade dos Meninos, Figueira, Chácaras Rio - Petrópolis, Chácara Arcampo, Eldorado.

3º Imbariê – terceiro distrito: Santa Lúcia, Santa Cruz da Serra, Imbariê, Parada Angélica, Jardim Anhangá, Santa Cruz, Parada Morabi, Taquara, Parque Paulista, Parque Equitativa, Alto da Serra, Santo Antônio da Serra.

4º Xerém – quarto distrito: Xerém, Parque Capivari, Mantiqueira, Jardim Olimpo, Lamarão, Amapá.

O quadro a seguir demonstra o percentual dos participantes da pesquisa segundo a sua pertença geográfica dentro do município.

Quadro 3: Distribuição dos entrevistados segundo distrito

Grupo	Número de entrevistados	Percentual de entrevistados
1º DISTRITO	13	31%
2º DISTRITO	10	24%
3º DISTRITO	10	24%
4º DISTRITO	9	21%
Total	42	100%

4. *Discursos religiosos que legitimam a violência e fundamentam a exclusão*

Os depoimentos coletados na pesquisa nos permitem compreender em que nível tem chegado o desrespeito aos valores de cunho religiosos relacionados às religiões de matrizes africanas no dia a dia de seus praticantes. É o que Sennett (2004) vai chamar de escassez de respeito. Realçamos que nosso intuito na pesquisa foi verificar como era sentido e vivenciado pelo “povo de terreiro” a discriminação e a intolerância religio-

sa. Por razão de confidencialidade, todos os nomes dos depoentes serão mantidos em sigilo. Portanto os nomes que aparecem nos relatos são fictícios.

Sinto-me severamente ultrajado, porque esse senhor me humilhou, humilhou o meu povo, se desfez dos meus Orixás; disse que era religião de preto, que era vodú, que era culto ao demônio, ao satanás. Eu observo que dentro das próprias religiões evangélicas, nos cultos que eles fazem dentro das igrejas os pastores incentivam aos seus fiéis a discriminarem as pessoas de religiões de matrizes africanas, seja ela Umbanda ou Candomblé; eles incentivam a discriminação e até mesmo a agressão. Eu já presenciei um grupo de jovens evangélicos agredindo uma Yaô, arrebatando os fios de contas, rasgando suas roupas, o pano da costa e o de cabeça, isso foi no centro de Duque de Caxias, próximo ao Supermercado Guanabara. Foi um grande tumulto e muita gente foi em defesa dessa senhora e acabamos sem apoio das autoridades competentes, só nós que saímos na defesa e proteção dessa senhora. (Paulo)

Pelo depoimento é possível notar a indignação da pessoa discriminada. A vivência religiosa é caracterizada como elemento estruturante da existência humana (ROCHA, 1998). São valores fundantes no sistema de convicções que estão sendo postos em xeque. A palavra tem força destrutiva nesse tipo de discurso religioso, pois atinge a profundidade da alma humana. É um discurso que gera não só a violência simbólica, mas induz às práticas de violência física inclusive (SANTOS, 2009).

Disseram que eu não tinha noção do que era vida espiritual que é a evangélica, e que só lá é que Deus existe. (Mariza)

O fanatismo religioso tem levado alguns segmentos confessionais à absolutização da verdade. A verdade é única e está na minha igreja, no meu jeito religioso de ser. Com esse modo de pensar, as demais expressões de fé, religiosidades não podem existir fora da minha igreja. A presença do diferente é incômoda e não deve ser tolerada. A existência de Deus fica condicionada ao seu universo religioso.

Os valores da fé professados pelos diferentes passam a ser tratados com desprezo, desrespeito e ridicularizados.

Chamaram-me de forma violenta de macumbeiro, dizendo que o sou feiticeiro, bruxo e até me imitando, satirizando nos gestos das danças. (Francisco)

Em determinadas situações, o desrespeito chega a ação de violência física contra os indivíduos dos outros segmentos religiosos e seus bens. A intimidação passa a funcionar como uma artimanha para desencorajar a continuidade da prática religiosa do outro.

Para se ter uma ideia, aqui, neste Barracão, onde eu trabalho para ganhar o meu sustento e onde vivo também, já foi apedrejado várias vezes, jogaram

pedras no meu portão, chutaram ebós que despachei, passaram gritando de dentro do ônibus. Tudo o que podem fazer para me causar medo já fizeram. Tudo para me amedrontar e tentar acabar com as funções no Terreiro. (Lucas)

Ninguém, ao nascer discrimina! A discriminação é aprendida no cotidiano da vida, nos processos de interação social (CHARON, 2004), na educação que o indivíduo recebe desde o ambiente familiar até às universidades. Do mesmo modo que uma criança pode aprender os valores da fé em conformidade com sua tradição religiosa, ela pode aprender a desrespeitar os valores relacionados à tradição religiosa daquele que lhe é diferente. O depoimento a seguir evidencia como tal questão perpassa o universo da família e da escola.

A minha história dói muito porque aconteceu com minha filha, que tem 12 anos e precisou usar algumas contas, até para ir para a escola. Os coleguinhas dela quando viram as contas perguntaram o que era, e ela - como tem informações porque frequenta o Terreiro comigo - disse que era do santo dela. Imagino como ela explicou, pela idade e entendimento. Algumas crianças - com certeza - contaram para os seus pais; e no dia seguinte foi um transtorno só, para a minha filha, que foi chamada de "filha do diabo", que ela não era de Deus. Com certeza isso veio das bocas dos pais dessas crianças; e elas já estão crescendo com orientação violenta e perigosa. (Jussara)

O impacto da fala, a força da palavra, a opressão, a eminência da exclusão contida no discurso da patroa diante da empregada que se iniciou na religião de matriz africana denota o quanto o elemento religioso interfere nas relações no mercado de trabalho. O que nos narra a senhora Rosa é realidade que fomenta marginalização e constitui-se em violência e intolerância religiosa.

Trabalhei por alguns anos como balconista, sempre frequentei o meu terreiro e chegou o momento em que eu precisei tomar umas obrigações no Baracão e precisei usar umas contas, contra egum, enfim, estar dentro dos preceitos. Passei por todo o processo e depois desse, quando tive que retornar ao trabalho. E quando eu cheguei, a minha patroa disse que se eu não tirasse as minhas contas que eu não iria trabalhar. (Rosa)

Joga fora! O grito do senhor com seu filho foi seguido de mais três ações ou atitudes reveladoras de uma concepção religiosa onde a prática de fé do outro significa uma afronta aos valores de sua religião. Ele simplesmente *arrancou das mãos do menino o pacote de doces*. Não foi suficiente o seu grito *joga fora*. O arrancar das mãos de uma criança um doce caracteriza uma violência exacerbada. O que se sucedeu ao gesto de arrancar das mãos o doce, é ainda mais violento. Joga ao chão, pisa em cima e professa o discurso religioso, que em seguida é legitimado e ou fundamentado com a utilização ou malversação da bíblia.

No dia de Cosme e Damião já é tradição eu dar os doces. Nesse ano quando distribuía os doces na rua a criançada se juntou rapidamente. De repente um senhor gritou com um menino e sete ou oito anos para jogar fora o pacotinho de doces que acabara de receber. O Menino relutou e ele arrancou das mãos do menino o pacote de doces e jogou no chão. Pisou em cima e gritava: Repreende, Senhor! Não satisfeito pegou a sua bíblia e começou ali mesmo uma pregação em nome de Jesus. (Carlos)

As formas de afrontamento religioso (SILVA, 2009) organizado por determinadas confissões religiosas presentes em algumas igrejas dos segmentos evangélicos objetivam a desmoralização da prática de fé daqueles que professam a religião dos terreiros. Caracterizar os espaços religiosos dos outros como lugares de manifestação do demônio passou a ser corriqueiro na contemporaneidade.

Há 4 anos atrás elas se juntaram para desmoralizar e agredirem a gente. Numa festa de Ogum os fiéis dessas igrejas fizeram uma caminhada pelas ruas próximas e - depois ficamos sabendo que era para nos ofender - quando passaram na rua do nosso Terreiro jogaram sal grosso e enxofre, e disseram que ali era a casa do demônio e de tantas outras coisas. Eles falaram tantas coisas ruins, negativas. (Ana)

De modo semelhante ao que fazem em relação aos barracões onde acontecem os cultos das religiões de matrizes africanas, nos espaços onde se realizam algumas atividades religiosas como a mata, a cachoeira, a encruzilhada também são feitas tentativas de interdições.

Aqui perto nós temos uma parte da floresta aonde podemos colocar nossos presentes para os Orixás, e nesse momento que eles vêm para cá tentar aterrorizar a gente. Isso é sempre. Eles distribuem panfletos com propaganda contra a gente e contra o que fazemos e até tentam interromper nossos rituais. Já houve época de tentar interromper de forma forçada o que a gente fazia usando até alto-falantes e tentaram destruir nossos presentes. (Amanda)

É interessante pensar o estreitamento presente na compreensão teológica a respeito da salvação oferecida por Deus à humanidade. Isso reporta ao tempo da escravidão (ROCHA, 2007), onde o catolicismo entendia que melhor seria para os negros serem batizados e escravizados do que ficarem pagãos e irem para o inferno. A igreja passava a ser então a salvação para os negros. Essa concepção se modernizou no seu discurso e nas suas práticas. Combater o culto ao demônio - presente na prática religiosa do outro - passou a significar condição para a sua salvação. A salvação é só para aqueles que aceitam Jesus ao seu modo e à sua compreensão. Aos demais, o inferno.

Por várias vezes fui discriminado pela minha religião, em todas às vezes me senti muito mal, o que não é de se estranhar, quando se é violentado na sua fé. E dói muito quando acontece na sua rua, no seu bairro, onde você vive e

exerce sua fé. Fui agredido na minha rua por uma pessoa evangélica que discriminou uma filha de santo minha, quando ela estava de resguardo. E eu fiquei muito chateado e fui tomar “satisfação” com ele e aí ele me disse palavras grosseiras e disse que nós fazíamos culto ao demônio, que Jesus ia salvar somente a ele e que eu para o inferno. (Paulo)

Tão forte é a convicção de que são donos da verdade sobre Deus, que até nas ruas, em lugares públicos, onde todos têm o direito de frequentar, indivíduos evangélicos, sentem no *dever de alertar* os praticantes de religiões de matrizes africanas, estigmatizadas, quando identificados, (GOFFMAN, 2008) que sua pertença religiosa é coisa do diabo e que os mesmos necessitam se libertarem de tal prática religiosa. A seguir apresentamos relatos que nos propicia uma reflexão de tal violência praticada.

Quando estávamos descendo a rua em direção ao calçadão de Caxias, um grupo de pessoas que estava na sorveteria bem perto da esquina do colégio começou a gritar que ela estava com o diabo e que só Jesus poderia livrá-la daquilo etc. Eles gritavam sem parar e alto. (Luiz)

Seguindo a mesma lógica do acontecimento na sorveteria da esquina, dessa vez a vítima está em um transporte coletivo.

Entre num ônibus em um bairro em Duque de Caxias e o trocador disse Jesus te ama – eu estava com minhas guia no pescoço e meu ojá na cabeça. - então eu lhe disse – Oxalá nos ama a todos – ele ficou indignado e iniciou um discurso religioso, uma verdadeira pregação em nome de Jesus para que eu um dia pudesse conhecer a Jesus e o aceitasse em meu coração, na minha vida. Fiquei surpresa com a atitude das outras pessoas no ônibus. Um cinco pessoas se juntaram a ele para orar pela minha vida. Ao tentar argumentar que o ônibus não era um templo da igreja deles. O trocador, mostrando uma bíblia dizia que o nome de Jesus devia ser pregado a todos os povos, em todas as nações, em todos os lugares em todos os tempos. Diante do clima de animosidade que se formou, desci do ônibus antes do meu ponto de destino. Ao sair ouvia as pessoas dizerem quase que gritando – Repreende, Senhor! (Rafaela).

O discurso religioso conforme se pode perceber, deixou de ser instrumento de comunicação da boa notícia propalada como fundamento do cristianismo, para tornar-se discurso de opressão, discriminação e marginalização. A afirmação da fé identificada com uma determinada tradição religiosa, não necessariamente precisa navegar pelo campo da intolerância, do desrespeito e execração do diferente. O mundo tem presenciado inúmeros acontecimentos atestando o quanto as afirmações religiosas têm fundamentado conflitos e guerras entre os povos. O entendimento e a paz no mundo estão diretamente relacionados ao entendimento entre as religiões (KUNG, 1993) O papel das religiões na construção da paz exige como condição, trilhar os caminhos da não violência. A

palavra não foi feita para dividir as pessoas, os povos. Ao contrário, seu objetivo é propiciar diálogo. No diálogo se reconhecem as diferenças. Nas diferenças se reconhecem os direitos e nesses, a dignidade humana.

As práticas de dominação, geradoras de violência e exclusão incorporaram em seus discursos uma terminologia caracterizada em determinadas afirmações como *só Jesus salva, repreende senhor, tá amarrado, coisa do demônio*. Tais afirmações constituíram-se em *cavalos de batalhas* da intolerância religiosa e da suplantação da dignidade do religiosamente diferente. *Só Jesus salva*, na lógica de pregação fundamentalista e proselitista, acaba significando uma contradição com a própria proposta do evangelho e a vida de Jesus. A realização da proposta salvífica de Deus se processa por meio das culturas vivenciadas pelos povos. Diferentes povos, diferentes culturas, diferentes valores, diferentes tradições, diferentes contextos – diferentes modos de vivenciar a salvação oferecida por Deus à humanidade. Deus é magnânimo e benigno e sua magnanimidade e benignidade estão ao alcance de todos os povos, de todas as culturas em todos os lugares e em todos os tempos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRAZ, Antonio Augusto; ALMEIDA, Tânia Maria Amaro. *De Meriti a Duque de Caxias: encontro com a história da cidade*. Duque Caxias: AP-PH-Clio, 2010.

CHARON, Joel M. *Sociologia*. Tradução de Laura Teixeira Motta. Revisão técnica de Paulo Sergio Nakazone. São Paulo: Saraiva 2004.

FRISOTTI Heitor. Comunidade Negra. *Evangelização e ecumenismo. Caderno de pesquisa 1*, Salvador: 1992.

GOFFMAN, Erving. *Estigma, notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

KUNG, Hans. *Projeto de ética mundial: Uma moral ecumênica em vista da sobrevivência humana*. São Paulo: Paulinas, 1993.

PRANDI, Reginaldo. Linhagem e legitimidade no candomblé paulista. Disponível em: <<http://www.anpocs.org.br>>.

ROCHA, José Geraldo da. *Teologia e negritude: um estudo sobre os agentes de pastoral negros*. Santa Maria: Pallotti, 1998.

_____. (Org.). *Diversidade & ações afirmativas*. Rio de Janeiro: CEAP, 2007.

SANTOS, Ivanir dos; ESTEVES FILHO, Astrogildo. (Orgs.). *Intolerância religiosa X democracia*. Rio de Janeiro: CEAP, 2009.

SENNETT, Richard. *Respeito: a formação do caráter em um mundo desigual*. Tradução de Ryta Vinagre. Rio de Janeiro: Record, 2004.

SILVA, Vagner Gonçalves da. (Org.). *Intolerância religiosa: impactos do neopentecostalismo no campo afro-brasileiro*. São Paulo: Edusp, 2009.